



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDRÉIA GOMES DE FREITAS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SECA PARA TRABALHADORES E  
TRABALHADORAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DA BOA VISTA-  
PE**

Juazeiro do Norte  
2019

ANDRÉIA GOMES DE FREITAS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SECA PARA TRABALHADORES E  
TRABALHADORAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DA BOA VISTA-  
PE**

Monografia apresentada à Coordenação  
do Curso de Graduação em Psicologia do  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como  
requisito para a obtenção do grau de  
bacharelado em Psicologia.

Orientador: Ítalo Emanuel Pinheiro de  
Lima

Juazeiro do Norte  
2019

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SECA PARA TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DA BOA VISTA-PE

Autora: Andréia Gomes de Freitas <sup>1</sup>  
Orientador: Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima <sup>2</sup>

## RESUMO

A seca é uma condição natural que tem como caracterizas as mudanças climáticas e os baixos níveis de água ao longo do ano, porém a mesma é marcada com fatores sociais, culturais, políticos e subjetivos pelos sujeitos e sujeitas que vivem neste determinado espaço. O presente trabalho identifica os aspectos que englobam tal questão diante das representações sociais de agricultores e agricultoras rurais do município de Santa Maria da Boa Vista- PE, mas precisamente do povoado rural denominado como Caraíbas, buscando analisar as representações sociais desses agricultores e agricultoras rurais diante da seca, identificando como a seca perpassa as relações desses sujeitos e sujeitas e como a política publica trabalha frente a esse aspecto, sendo possível considerar os fenômenos sociais que se interligam diante da representação, como analisado o fenômeno da fé que se conecta com a realidade do agricultor e da agricultora rural. As representações sócias que esses trabalhadores e trabalhadoras atribuem a seca e ao contexto em que estão inseridos atribui-lhes identidades sócias e formas de perceber o contexto, que mesmo estando inserido em uma vulnerabilidade interligada a precarização da assistência bem como a dificuldade ao acesso a água e a poluição ao meio ambiente esses sujeitos e sujeitas se percebem, se identificam e se reconhecem diante deste espaço.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. Seca. Agricultores. Agricultoras. Rural. Política Publica.

## ABSTRACT

Drought is a natural condition characterized by climate change and low water levels throughout the year, but it is marked by social, cultural, political and subjective factors by the subjects living in this particular space. This paper identifies the aspects that encompass this issue in the face of the social representations of farmers in the municipality of Santa Maria da Boa Vista-PE, but precisely in the rural village known as the Caribbean, seeking to analyze the social representations of these farmers facing rural areas. of drought, identifying how drought permeates the relations of these subjects and how public policy works in front of this aspect, being possible to consider the social phenomena that interconnect before the representation, as analyzed the phenomenon of faith that connects with reality of farmer and rural farmer. The social representations that these workers attribute to drought and the context in which they are inserted give them social identities and ways of perceiving the context, that even being inserted in an interconnected vulnerability, the precariousness of care as well as the difficulty of access to water. and pollution to the environment these subjects perceive, identify and recognize themselves in front of this space.

**Keywords:** Social Representations, Drought, Farmers, Farmers, Rural, Public Policy.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: [andreiareitas150613@gmail.com](mailto:andreiareitas150613@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: [italo@leaosampaio.edu.br](mailto:italo@leaosampaio.edu.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Compreender o fenômeno da seca e daqueles que a vivenciam, demanda a interlocução de diversas dimensões sendo natural, sociocultural, histórica, política e subjetiva. Tal densidade e complexidade vêm atraindo interesse da Psicologia. De acordo com o que foi pesquisado através de artigos científicos, livros e cartilhas é notória a importância do profissional de psicologia dentro deste contexto, identificando os processos que estes sujeitos e sujeitas se encontram e de que maneira os mesmos conseguem se perceber diante de tal realidade.

Mesmo com um avanço em pesquisas dentro do campo como a psicologia social a presença do profissional no espaço rural ainda é tímida e pouco expressiva, desta forma destaca-se a importância do profissional e o surgimento do interesse em pesquisar tal temática e adentrar este contexto buscando através desta pesquisa de campo, promover espaços onde os agricultores e agricultoras possam ser ouvidos, considerando seus contextos sociais, ricos de uma cultura própria e uma gama de diversidades.

Por conseguinte, é denotada a importância desta pesquisa tanto para o âmbito de cunho científico, trazendo relevâncias sobre os aspectos que englobam a pesquisa em representações sociais, como também social dando espaços para os sujeitos falarem de acordo com suas experiências de vida diante do espaço originalmente demarcado pela seca como também o trabalho interligado a agricultura, objetivando identificar as representações sociais dos agricultores e agricultoras rurais da comunidade, analisando como esse fenômeno da seca perpassa a vida desses e dessas bem como a participação dentro das políticas públicas, trazendo resultados e perspectivas diante desta representação da seca e de que forma os trabalhadores e trabalhadoras conseguem perceber este fenômeno, diante de um aspecto político social inseridos dentro da assistência e das políticas públicas. Utilizando-se de uma pesquisa de cunho qualitativo exploratório, realizado através de uma pesquisa de campo, onde foi executado o grupo focal como instrumento para a obtenção dos dados e analisados através de categorias baseadas na análise de conteúdo segundo Bardin.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici (2005) afirma que as teorias de representações sociais se constituem como uma modalidade de conhecimento particular tendo a função da elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos, sendo assim cada sujeito tem uma ideia e uma forma de pensar sobre algo, a muito da subjetividade do sujeito e da forma como o mesmo se relaciona dentro do contexto vivido, desta maneira é através do dia a dia destes sujeitos e das relações que o mesmo estabelece com os outros que os aspectos são constituídos, as representações sócias ocorrem de forma grupal, dentro do contexto de relação social.

Dentro das representações sociais se encontram os processos de ancoragem e objetivação, que são primordiais para identificar e classificar as representações, segundo Moscovici (2015,p.61) “ancoragem- esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nos pensamos ser apropriada”.

Também existe o processo de objetivação, que ocorre durante a construção de uma representação e está introduzida no contexto social desses sujeitos como forma de dar sentido e adentrar para a realidade dos mesmos e mesmas algo que antes não era de fácil compreensão ou sentido.

Objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece então diante de nossos olhos física e acessível. (MOSCOVICI, 2005, P; 71)

Moscovici(2005) relata que cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo vasto de conhecimento, desta forma entende-se a importância de trabalhar com a ancoragem e a objetivação mas elencando a importância de observar e destacar as representações presentes antes do não familiarizado, bem como identificar a partir de que momento esse algo se torna familiar e é posto no dia a dia desses e dessas.

Uma das funções das Representações Sociais é convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos, de forma que lhe empregam sentido e lugar dentro de

uma determinada categoria. Desta forma toda as pessoas se encontram ao redor de imagens, linguagens ou culturas que são impostas por um determinado grupo a quem lhes percebem. (BERTONE;GALINKIN,2017,p.102) . Dentro desse contexto observa-se as representações interligadas ao espaço onde os sujeitos vivem, demarcadas por um simbolismo presente tanto em imagens como na própria forma de se comunicar, através de gírias ou apelidos, atribuindo um sentido e um significado, sendo o senso comum e o espaço social os principais difusores para tais aspectos.

Segundo Bertone e Galinkin (2017) as representações sociais exigem de um conhecimento e uma compreensão acerca da noção comum, desta forma busca-se analisar os processos que estão intermediando esses sujeitos e sujeitas diante das representações e dos significados que eles atribuem a fenômenos do cotidiano.

A teoria das representações sociais, por outro lado, tomam como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2005,p. 79)

Desta forma segundo Moscovici (2005) as representações sociais se baseiam no dito “Não existe fumaça sem fogo” ao ouvir ou ver algo instintivamente suponha que esse algo não é causal, tendo uma agente e um efeito sobre algo ou sobre alguém, desta forma ao perceber essa agente vai-se em busca do mesmo para identificar em que momento ocorreu e de que forma. As representações busca então identificar em que momento tais fenômenos surgiram e de que formam os mesmos perpassam os sujeitos e sujeitas bem como as suas formas de se relacionar com o espaço e com os outros.

## 2.2A SECA E O CONTEXTO RURAL NORDESTINO

De acordo com o dicionário da língua portuguesa (2002), a palavra seca tem o predominante significado, de estiagem, ausência de água, falta de chuva, tendo como característica predominante o bioma da caatinga. É nesta região do nordeste brasileiro que se caracterizam muitos sujeitos e sujeitas do meio rural que vivem permanentemente da agricultura.

O Nordeste ocupa aproximadamente 18,27% do território brasileiro tendo sua maior fonte de renda a agricultura. Ferreira (2017) afirma que a seca assume um

papel decisivo diante da identidade do Nordeste, de tal forma que perpassa a subjetividade desses sujeitos e sujeitas, atribuindo-lhes características enquanto pessoas que vivem em uma região especificam. Segundo Martins et.al (2010) a percepção do meio rural e da seca esta interligada ainda a uma ideia de oposição com o meio e a logística de desenvolvimento, por ainda carregar a ideia de atraso social e econômico, desta forma o meio rural passa a ser percebido com a concepção de atraso, de inferioridade, sendo os sujeitos deste espaço inseridos em um estigma de atraso educacional e social em comparação com os sujeitos que estão inseridos dentro da sociedade no modelo industrial, porém entende-se que o meio rural é um espaço rico de informações, permeado pela diversidade étnica, social, cultural e econômica.

Enxerga o campo como um espaço social de construção de vivências, de luta pela terra, de criação e transformação; ou seja, um espaço de constante vida, levando a uma visão mais ampla que não se restringe aos limites territoriais geográficos, mas antes, busca entender a construção social do campo, seus simbolismos e significados. (MARTINS, 2010, p. 85).

A literatura brasileira reproduz de forma massiva a personificação desses e dessas, enquanto designam adjetivos. Um dos maiores autores da literatura brasileira Graciliano Ramos (1892 a 1953) traz em seu livro “Vidas Secas” (1938) a historia de nordestinos chamados de “Sertanejos” que vivem na Caatinga, relatando as dificuldades em viver em uma região predominantemente seca: “A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (RAMOS, 1938, p. 07). A representação da Caatinga, rebuscada de tons vermelhos do chão cru avermelhado do barro, e das ossadas de animais que morreram ao longo da estiagem refletem um lugar que por muitos anos foi colocado na condição de inferior, de improdutivo, sendo reproduzido até os dias atuais.

Desta forma, percebe-se que para além de uma característica estigmatizada, a seca possui aspectos singulares e de identificações que interligam a relação com o espaço e com a construção de vivencias. Segundo Chacon (2007), em contrapartida com o aspecto do clima característico da seca, existem outros fatores que são colocados como considerava na busca de entender as consequências climáticas, bem como, questões como a estrutura fundiária e a concentração de terras, estruturas socioeconômicas, a fragmentação dos núcleos familiares com a imigração para as áreas industriais e o processo de conformismo de sujeitos e sujeitas inseridos neste contexto. Chacon (2007) afirma que, “o sertanejo, de um modo geral,

aceita a seca de forma resignada, como se ele tivesse a obrigação de passar por privações, porque Deus quis assim”, características como essas são introduzidas socialmente e reproduzidas nas falas dessa população, encontrando tanto na literatura como nas músicas que reproduziam o contexto e o dia a dia dos sertanejos que enfrentam anos de estiagem. Por outro lado, existem ações governamentais que levam as condições da seca a permanecerem bem como colocaram os sujeitos e sujeitas nesta condição.

A miséria do sertanejo não tem só uma fonte, assim como a seca não é um fenômeno apenas climático. No caso do sertão, as políticas específicas de combate a seca, bem como os projetos de desenvolvimento rural, nunca puseram efetivamente o homem como sujeito das ações, não lhe deram voz ativa. (CHACON, 2007, p. 160).

Com isso, compreende a seca não apenas como uma questão climática, mas também como algo que perpassa a relação com o espaço, o coletivo, a subjetividade do sujeito e as políticas de enfrentamento. Desta forma, adentram neste campo as políticas públicas e o papel do profissional de psicologia, como forma de identificar os aspectos que englobam o cotidiano desses sujeitos e sujeitas bem como levando as políticas públicas para o acesso aos serviços e políticas de enfrentamento a seca.

### 2.3 PSICOLOGIA E POLITICA PÚBLICA NO ESPAÇO RURAL

O meio rural vem ganhando destaque em torno das pesquisas acadêmicas ao longo dos anos, observando a importância de adentrar esse espaço na busca de conhecer, estudar e compreender as inúmeras formas de se relacionar, a psicologia em conjunto com as práticas em políticas públicas adentra o campo do rural na busca de conhecimento. Para Dantas et al.(2018, p.02) o contexto rural brasileiro é de grande importância para os estudos da psicologia, bem como desafiador, pois apresenta questões envolta das possibilidades de atuação mediante o espaço, rico em uma gama de diversas, particularidades, modos de vida e cultural.

Junior et al (2019, p.03) relata que os estudos no âmbito social ganharam mais força entre as décadas de 1960 a 1970 quando a psicologia social comunitária começou a pesquisar sobre os espaços rurais e sua relação na construção dos sujeitos e sujeitas. Após difusão da psicologia social comunitária, o profissional adentra os campos da assistência e da saúde através de planos governamentais.



Silva e Macedo (2017) afirmam que a partir da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990 e o Sistema Único de Atenção Social (SUAS) criado em 2005, foi possível repensar as inúmeras formas de atuação frente ao campo do rural, embasados em uma política de assistência pública.

O papel do profissional é estudar as diferentes formas de identificação, bem como trabalhando as questões que estão acerca da formação de identidade desses sujeitos e sujeitas dentro do espaço do rural. Entretanto precisou-se de uma longa jornada para que o profissional de psicologia adentra-se esse espaço do social, Campos (1996) afirma que a psicologia social comunitária adentra no Brasil em meados dos anos 60 dentro de comunidades de baixa renda, na busca de deselitizar a profissão e dar acesso a qualidade de vida a essas pessoas, porém apenas quando o sistema de saúde e educacional é implementado que o profissional passa a ter um acesso maior a essa rede e a esse campo.

O profissional de psicologia, dentro do contexto da psicologia social comunitária, trabalhará dentro de uma visão que parte de um levantamento de necessidades e carências vividas pelo grupo, no que se diz com relação a saúde, educação, saneamento básico. (CAMPOS, 1996).

Utilizando-se métodos e processos de conscientização, procura-se trabalhar com os grupos populares para que eles assumam progressivamente seu papel de sujeitos de sua própria história, conscientes dos determinantes sócio-políticos de sua situação e ativos na busca de soluções para os problemas enfrentados. A busca do desenvolvimento da consciência crítica, da ética, da solidariedade e de práticas cooperativas ou mesmo autogestionárias, a partir da análise dos problemas cotidianos da comunidade, marca a produção teórica e prática da psicologia social comunitária. (CAMPOS, 1996, p. 6).

Desta forma entende-se que é a partir da psicologia comunitária que o profissional começa a adentrar os campos das políticas públicas, bem como a introdução dos sujeitos nesse mundo com uma visão crítica ao social e ao espaço onde estão inseridos. Dentro da perspectiva do profissional dentro desse contexto de política pública entra a Lei Orgânica da Assistência Social (1993) a LOAS, e a mesma que qualifica o trabalho do profissional de psicologia, afirmando que o trabalho é realizado de maneira onde será ofertado ao sujeito a qualidade e a promoção do bem estar, garantindo a estes sujeitos um trabalho integral em combate com a pobreza.

A psicologia então adentra esse espaço de forma ética, compreendendo que as questões interligadas a terra, ao campo e a agricultura estão inseridas no país enquanto um contexto histórico de violência e luta.

O Brasil foi produzido, como país, como decorrência de uma forte e violenta luta pela terra, desde o início do processo de colonização, entre os colonizadores estrangeiros e os povos indígenas que habitavam a região. Portanto, desde o início, o Brasil é um país em que a disputa pela terra marca toda sua história, e essa contenda está na origem de toda violência expressa na organização social que o constitui como nação, seja para manutenção dos privilégios e do poder dos grupos dominantes, seja como decorrência dos mais variados mecanismos de resistência à dominação que amplas parcelas da população desenvolvem. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p.32)

Analisando os fatores sócias e históricos que ainda predominam sobre as questões relacionadas a terra, observa-se que o Brasil ainda reproduz desigualdade social por meio da precarização da vida para uma grande parte da população. Desta forma, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2013), tal aspecto gera manutenção para os mais variados tipos de privilégios para um devido grupo enquanto que outro se encontra a margem social.

Segundo Junior *et.al* (2019) o contexto histórico de lutas deve-se ser colocado como considerável para a atuação do profissional de psicóloga em contextos rurais, visto que, diante de tal contexto social-histórico o campo ainda carrega um estigma.

É preciso que o(a) psicólogo(a) esteja consciente do contexto histórico de lutas e opressões passadas pela população do campo, principalmente no que se diz respeito ao acesso a bens naturais. Logo, ao atuar nesses contextos de vulnerabilidade, é preciso focar em uma postura ética e política que favoreça o compromisso social da Psicologia, realizando práticas que fortaleçam a autonomia e a emancipação dos sujeitos, garantindo a esses as informações e o acesso necessário aos direitos e a cidadania. (JUNIOR *et.al*, 2010, p.06)

Desta forma, entende-se que para além de uma ética profissional se estabelece um comportamento social, onde os sujeitos e sujeitas possam se perceber dentro deste espaço enquanto produtores e produtoras de saber, carregando suas histórias e seus saberes que fortalecem a convivência e a autonomia de cada um dentro do contexto do rural.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 TIPOS DE PESQUISA**

Consistiu em uma pesquisa empírica de caráter exploratório qualitativo, onde foi utilizado como método para a obtenção dos dados o uso de grupo focal. A temática central foi a seca, seus impactos para o cotidiano dos agricultores e agricultoras e qual a percepção deles e delas diante da seca.

Segundo Gil (2002) pode configurar como uma pesquisa de campo, pois focaliza em uma comunidade ou local específico onde este público vive e se relaciona, sendo possível observar os fenômenos que ali estão pertinentes e de que formas os sujeitos e sujeitas os interpretam, através da observação é possível colher as informações ou através de entrevistas ou grupos focais como no caso da pesquisa em questão, onde será realizado grupo focal com os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Segundo Barbour (2009) o grupo focal se baseia em gerar a interação entre os participantes e analisar, diferentemente de perguntar ou questionar sobre tal tema. Estabelecendo um espaço onde os sujeitos e sujeitas da pesquisa possam interagir entre si sobre tal temática possibilitando um espaço de discussão e trocas de experiências.

A pesquisa seguiu da seguinte forma, em primeiro momento foi realizada a coleta de informações utilizando o grupo focal, a metodologia usada para obtenção dos dados foi a análise de conteúdo baseada em Laurence Bardin(2009),o grupo focal para obtenção dos dados e as representações sócias segundo Moscovici para o desenvolvimento ao longo do grupo, onde foi possível identificar a partir de que momento as representações a cerca da seca surgiram e de que modo esse aspecto tornou-se algo familiar para esses e essas. Segundo Bertoni (2017) a pesquisa em Representações Sociais exige à compreensão do processo de construção de conhecimento de senso comum, desta forma a pesquisa em questão teve como característica identificar de que forma essas representações sobre a seca apareceram e como a mesma ganha espaço na vida desses trabalhadores e dessas trabalhadoras, com as questões relacionadas a terra, benefícios e projetos.

#### **3.2 LOCAIS DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada no povoado rural denominado como Caraíba da cidade de Santa Maria da Boa Vista no estado do Pernambuco.

Uma comunidade localizada nas margens da BR 428 no sertão pernambucano, onde boa parte do sustento das famílias vem através da agricultura irrigada, sendo um povoado onde maior parte dos agricultores e agricultoras trabalham em terras arrendadas por terceiros ou como colhedores e colhedoras de cebola e banana, tendo sua maior característica a produção de frutas.

### 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA (POPULAÇÃO/AMOSTRA)

Os sujeitos da pesquisa foram classificados entre 20 (vinte) usuários, sendo 10 (dez) mulheres e 10 (dez) homens com idade superior a 18 anos, trabalhadores e trabalhadoras rurais que realizam apenas esse trabalho como fonte de renda, os mesmos estão identificados na pesquisa com nomes de plantas específicas da caatinga.

Possuem RG e CPF e estão cientes sobre o TCL e o termo de uso e voz, serão excluídos da pesquisa os sujeitos e sujeitas que não seguirem de acordo com as normas ditas no TCL e se recusarem a assinar os documentos.

#### 3.3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado foi o grupo focal onde foram realizados três encontros para a obtenção dos dados, importante instrumento para coleta de dados visto que o mesmo foi pensando para que haja uma maior explanação de acordo com a pesquisa e com o objeto geral. Desta forma destaca-se o grupo focal como uma nova forma de observar o fenômeno, deixando o espaço aberto para os sujeitos da pesquisa e dando-lhes a característica de protagonistas da pesquisa, gerando assim novas possibilidades de percepção sobre a representação da seca e as diversas formas de identifica-la dentro do contexto social e do trabalho.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados através do grupo focal com base em categorias que ao longo dos encontros foram levantadas, a fé, política, vendavais, poluição, foram palavras chaves para desenvolver as categorias. Mediante as Representações Sociais e aos processos de ancoragem e objetivação segundo

Moscovici (2015) foram consideradas cada categoria levantada e a analisadas segundo a análise de conteúdo segundo Bardin (2009).

### 3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa está respaldada diante do cumprimento das regras estabelecidas do Termo de Livre Consentimento e do uso de Voz e Imagem, a mesma só iniciara após a aprovação do comitê de ética do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

Após aprovação do comitê de ética foi iniciada a pesquisa em campo, onde será lido o projeto de pesquisa e explicado para os sujeitos da pesquisa sobre o TCL e o uso de imagem e voz, onde todos estarão cientes sobre o processo de coleta de dados e como o mesmo irá acontecer, sobre questões éticas ligadas ao sigilo e sobre a opção de desistência ao longo da pesquisa.

A identificação dos participantes torna-se sob sigilo no decorrer da pesquisa e após a conclusão da mesma.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através dos encontros com o grupo focal, que foram divididos em três (3) momentos, onde foi possível conversar com os agricultores e agricultoras sobre as representações da seca, sobre como os mesmos e mesmas conseguiam perceber tal fenômeno e as relações que eram estabelecidas dentro de tal contexto, bem como qual o entendimento deles e delas sobre as políticas públicas dentro do contexto originário de seca e de trabalho com a agricultura.

Seca, impactos no cotidiano, maneiras de lidar com a seca e políticas públicas foram temas chaves para o desenvolvimento do grupo. Assim, através desses pontos foi possível observar os destaques diante das falas dos mesmos e mesmas, bem como ideias que eram compartilhadas, histórias do dia a dia e formas de lidar com os impactos naturais e com a falta de auxílio perante as políticas públicas.

### 4.1 A SECA E A POLUIÇÃO AMBIENTAL DA CAATINGA.

Em análise, foi possível com o grupo avaliar os aspectos da seca onde foi colocada pelos agricultores e agricultoras que a mesma é uma condição natural, em que os mesmos e mesmas não tem controle sobre os fenômenos e sobre as condições climáticas que interferem no plantio e no dia a dia dos mesmos. Segundo a Cartilha de Municípios e o convívio com a Seca (2017) “A seca consiste na ausência prolongada de chuvas ou na sua fraca distribuição em diversos municípios”

Causando problemas ligados ao desequilíbrio ambiental a produção da agricultura, inclusive no cotidiano dos sujeitos e sujeitas. *Xique-Xique* “Em 1998 encontravam todo tipo de planta na caatinga, hoje em dia por conta que as pessoas jogam lixo e queimam os lixos de casa a gente já não vê mais, ate o faveleiro que tinha de monte hoje em dia não tem mais.”.

Colocado como uma questão natural também foi levado pelos agricultores e agricultoras fatores de poluição ambiental, que acabam interferindo no prolongamento da seca, como exemplo, citado as queimadas que acabam dificultando para que haja chuva. “A utilização inadequada da Caatinga pode levar ao desaparecimento de algumas espécies e à conseqüente perda da biodiversidade” (EMBRAPA, 2006).

A seca sempre foi um evento adverso de grande duração. A partir de 2010, porém, o quadro tem se agravado em razão de diversos fatores, como as mudanças climáticas que provocam alterações na quantidade e na qualidade dos recursos hídricos. Diversas ações humanas contribuem para o desequilíbrio dos períodos sazonais, provocam a diminuição dos índices pluviométricos e aumentam os problemas sociais e econômicos, elevando as dificuldades para o desenvolvimento da agricultura e da criação de animais (CARTILHA DOS MÚNICÍPIOS, 2017, p.12)

A seca é uma condição climática, mas, além disso, ela também sofre interferências através do impacto do homem, as queimadas, uso indevido de agrotóxicos no solo bem como a falta de informação acabam ocasionando diversos impactos tanto para o meio ambiente como também para quem dele tira seu sustento, como exemplo, a desertificação do Rio São Francisco.

O Rio São Francisco, pode-se dizer, é um milagre da natureza, pois faz o capricho de correr ao contrário e se estende do Sul, mais baixo, para o Norte, mais alto, devido à falha geológica denominada “depressão sanfranciscana”. Isto o torna muito vulnerável, pois a pequena declividade (em média 7,4 cm por km) na maior parte de sua extensão, justamente a que recebe poucos afluentes, favorece o desbarrancamento e o assoreamento. (ZELLHUBER;SIQUEIRA, 2007, p.02)

Por estarem inseridos em uma região onde existem grandes estiagens e os períodos de chuva são curtos, é necessário que se faça um uso consciente da água, assim como é preciso aprender a viver sem a água.

*Cacto: O maior absurdo que eu já vi foi agricultor plantar dentro do rio, tem gente que tem roça na beira do rio, aí não chovei vai e planta banana na margem do rio, aquele agricultor não sabe o mal que ele tá fazendo, por que o rio já tá seco fica mais seco ainda, por que escorre a terra e o rio fica só terra atrapalha o percurso do rio, pouli o rio por que vai usar agrotóxico na plantação e deixa o rio mais seco, aí sabe lá Deus quando vai chover pra vê se enche um pouco o rio.*

No semiárido brasileiro, que é uma região muito seca, onde as chuvas são irregulares e muitas vezes escassas, é fundamental a preocupação com o uso racional e com a preservação da água. (EMBRAPA, 2006).

*Aroeira: A gente não gosta de viver assim, a gente planta acreditando que vai colher e quando vê perde tudo, por que não chove ou por que vem o vento e destrói tudo, mas a gente vai fazer o que ? A gente tá aqui e a gente não pode mudar, ou a gente se acostuma ou a gente não vive.*

*Juazeiro: É triste demais a nossa vida, é luta todo dia pra tentar viver, não é fácil mas eu não sei fazer outra coisa a não ser trabalhar na roça.*

*Cacto: Eu reclamo, quando eu perco uma roça e agora é quase sempre perdendo por que desde dezembro de 2017 que veio o vendaval e levo as roça de todo mundo e a minha também não teve melhora, mas eu não consigo me acordar e não ir na roça, eu acordo e vou e eu gosto, só que não é fácil.*

Além de conviver com a seca constante os agricultores e agricultoras ainda convivem com as intempéries climáticas, vendáveis que levam plantações inteiras entre outras situações climáticas particulares dessa localidade, desta forma foi possível analisar que, os fatores envolvendo a seca são contribuintes para as dificuldades dentro do contexto do social, porém as intempéries climáticas são os principais causadores de dificuldades, frente ao trabalho rural e ao espaço como um social.

#### 4.2A FÉ DOS AGRICULTORES E AGRICULTORAS RURAIS

Durante os encontros características ligadas a fé, foram observadas pelas falas de alguns participantes até mesmo a falta de fé diante de alguma situação, entendendo a fé como um importante constituinte dentro das representações acerca da seca, destaca-se a fé como indissolúvel e que sustenta a realidade mesmo muitas vezes perversa.

*Jurema: Deus manda o vento e a gente fica mais forte, por que a gente sabe que não tem domínio sobre Deus, a gente só tem a fé, muita fé pra acreditar que vai chover.*

*Mandacaru: Eu tenho fé mas as vezes é difícil sabe, por que da vez que teve os ventos, a gente ficava sem acreditar, se perguntando a Deus por que isso tava acontecendo.*

*Coroa de Frade: Eu tenho mais de 60 anos e eu já vi tudo que é de vento derrubar roça, já vi roça morrer por conta do calor grande, mas eu tenho tanta fé que eu acredito que Deus vai mandar chuva.*

*Mororó: Olha eu tenho fé, mas no dia que eu perdi toda a roça, que eu vi meus irmãos, minha família chegar na roça e ve tudo no chão eu comecei a me perguntar, por que Deus estava fazendo isso com a gente, eu fiquei com tanta raiva naquele momento, depois que a cabeça esfriou foi que eu pensei, mas naquele momento era so tristeza com Deus.*

Chacon (2007) relata que a religiosidade e a fé ainda é uma característica muito forte no sertão, independente da crença, a figura de Deus ainda é um referencial. Entendendo a questão da fé como o suporte e consolo dos mesmos e mesmas, diante das adversidades do cotidiano e das dificuldades em se viver dentro do contexto de seca. J.A: *“Às vezes é difícil sabe, por que é isso planta, quando pensa que vai colher não colhe, por isso que eu falo, a gente aqui não vive a gente sobrevive. Mas tendo a fé é o que importa, e a gente tem.”*

Os sujeitos inseridos dentro deste contexto estão em uma zona de pobreza e falta de acesso à informação, para além da seca e da fé que sustenta esses e essas, foi-se notado o fatalismo como contribuindo para a manutenção dessas características sociais. “Dessa forma, o fatalismo é originado a partir da realidade social, como também, mantido por meio da estrutura social e da configuração identitária do ser humano, sendo constituído pelos papéis sociais de conformado, de crente” (JR; XIMENES, 2016, p.03). Estarem inseridos em um contexto de pobreza dão-lhes aspectos próprios que em muitos casos se cristalizam ao longo dos tempos, a seca e os seus fatores ambientes, bem como a falta de informação e os impactos ambientes colocam esses agricultores e essas agricultoras em uma escala social de estigma.

A identidade social estigmatizada de pobre é lesiva, porque as sociedades estruturam essas identidades em aspectos pressupostos, ou seja, em formas cristalizadas de reconhecimento do indivíduo. Ela impede o processo de transformação da identidade metamorfose, enfraquecendo as possibilidades de mudança tanto do indivíduo reconhecido por esse prisma indenitário estigmatizado, como das políticas de identidade presentes na sociedade. (JR, 2016, p.01)



Observando os aspectos interligados a seca e a fé, é notória dentro da fala dos agricultores e agricultoras como os efeitos da seca dentro do dia a dia acabaram ganhando um aspecto de naturalização e cristalização, pois, se trata de fenômenos naturais onde a ação do homem para controle ou prevenção é mínima, colocando eles e elas em uma zona de passividade diante dos acontecimentos, pois, existe um Deus que se coloca frente a eles e elas.

*Aroeira: Deus esta acima da gente, então se ele quis assim quem somos nos para mudar os planos de Deus, as vezes essa coisas vem por que a gente peca, eu acho que Deus não vai mandar isso só por mandar, ele manda por que a gente mereceu.*

Dentro deste contexto, observa-se a fé como inabalável e onde a responsabilidade pelas situações recai sobre um Deus, assim, eles e elas se tornam isentos da responsabilidade. Estar nesta condição dentro do contexto social demanda deles e delas uma identidade, de um povo que a anos sofre com a seca e com os intempéries da natureza, mas que não saem daquele espaço, pois os mesmos e mesmas possuem uma identidade. Esta identidade muitas vezes de oprimido e de explorado se encontra baseada em uma forma de sobrevivência, diante de um contexto social regido por uma ordem de opressão. (JR;XIMENES, 2016).

*Xique-Xique: “A gente fica triste, desacreditado, tem hora que da uma tristeza e uma vontade de parar tudo, mas ai se lembra que não pode né, e que tem Deus, vou lá e peço a Deus que melhore as nossas condições porque bom não ta, mas só Deus pode melhorar.”.*

Segundo Martín Baró (1998, apud JR.XIMENES, 2016, p.03) “identifica que o fatalismo é uma atitude central na constituição da população latino americana, correspondendo à predeterminação da existência, isto é, a ausência de possibilidades de mudança”. Desta forma, é possível observar que existe uma estrutura que rege a norma e o contexto que esses e essas estão inseridos, dentro do contexto da seca e dos desastres naturais, esses agricultores e essas agricultoras acabaram perdendo a visão de uma possível mudança. Assim, encaminha o sentido de tudo aquilo que não se pode se responsabilizar ou culpar para esse Deus.

Jr e Ximenes (2016) reafirmam que a própria estrutura social e religiosa acaba sustentando e sendo ferramenta para esse fatalismo. Analisado como um fenômeno importante dentro do contexto do social, a fé ganha características de

suporte para esses e essas, bem como se é colocada a responsabilidade dos incidentes naturais em uma figura divina. *Aroeira*: “*Deus tira mais ele dá de volta eu tenho certeza disso, por isso que eu e meu marido a gente não para de plantar e nem sai daqui*”.

Segundo Ribeiro (2005 apud JR; XIMENES, 2016,p.78) a igreja desde muito cedo foi figura importantíssima para esse processo de conformismo de pessoas em situação de pobreza. Nesse contexto, a identidade social de pobre pode se vincular na figura de um Deus, que sustenta essa função e a responsabilidade diante das situações que ocorrem.

Diante do fatalismo também se configura a ideia de percepção desses e dessas inseridos em um contexto de pobreza, retratados pela música e pela arte, onde conseguiram se perceber enquanto sujeitos e sujeitas. Turri (2018) “exemplo das condições precárias de sobrevivência para pessoas e animais durante o período de seca, disseminaram a imagem de um Nordeste miserável, que findou retratado em obras literárias e canções”. *Xique-Xique*: “*Tem aquela música de Luiz Gonzaga que fica falando: ‘meu Deus, meu Deus’, ali é a gente cantando quando não chove.*”.

Turri, Faro e Araújo (2018) “Os temas musicados por Luiz Gonzaga podem ser compreendidos como problemas do homem sertanejo, tendo sido abordados muitas vezes de forma lúdica, especialmente quando falava dos detalhes do dia a dia”, são os detalhes do dia a dia, da luta diária e da falta da seca retratada nas músicas que caracterizam um povo, bem como a fé que mesmo diante de toda a situação permanece firme, onde os mesmos colocam as esperanças de dias melhores no Deus.

#### 4.3A DIFICULDADE AO ACESSO AS POLITICAS PÚBLICAS

As políticas públicas adentram esse cenário como forma de assistência, de diminuição dos impactos da seca. Desta forma, diversos programas governamentais começam a serem implementados com o objetivo de diminuição dos impactos e de dar aos agricultores e agricultoras um amparo. Foram criados, a principio, propostas para amenizar as condições relacionadas a seca, entre elas as criações de açudes e barragens que fornecessem o acesso a água as comunidades e agricultores rurais.

A resposta ao problema tem apostado na infraestruturação da região com barragens e açudes com grande capacidade de armazenamento de água

suficiente para dar resposta a períodos prolongados de carência, construindo uma densa rede de adutoras que transportam a água para os aglomerados populacionais, garantido igualmente a sua qualidade e provimento do serviço. (FERREIRA, 2017, p.12)

Entretanto muitas comunidades não foram abarcadas pelo serviço permanecendo ainda com grandes problemas interligados ao acesso a água.

*Umbuzeiro: Quando a gente viu a construção de barragens pela região e a gente via os carros andando com as cisternas a gente pensava que também viria para a comunidade, mas não veio, a gente tem o rio, ta aqui pertinho, mas mesmo assim é difícil por que nem todas as roças estão perto do rio e ate roça que é perto do rio não pode por que o rio ta baixo.*

Os programas de reabastecimento de água e carros pipas são programas emergências, que tem a função de servir as comunidades diante de grandes estiagens ou situações de emergência. Ferreira (2017) “A região semiárida caracteriza-se pela escassez de água e, sobretudo pela sua irregularidade nos meses por ano e no espaço, associada a elevada evapotranspiração das plantas”. Desta forma, os mesmos são de plano assistencial, onde outras medidas devem ser tomadas, para que fora da zona de emergência os agricultores e agricultoras tenham o acesso a água e ao serviço das políticas públicas.

Chacon (2007) relata que, o motivo para que as políticas públicas e os programas governamentais para o sertão não tenham alcançado o sucesso, que até então era esperado, vem do fato de que, não se foi levado em consideração aspectos estruturais da própria formação social e produtiva da região. Sendo assim os agricultores e agricultoras eram colocadas fora da realidade e do contexto das políticas públicas.

O sertanejo foi sistematicamente excluído das ações do Estado, porém é impactado direta ou indiretamente por elas. A própria condição de carência e fragilidade da região é apropriada pelo discurso político, tomando sua perpetuação um fator estratégico, que permite o uso constante dessa situação, mesmo que o discurso seja modificado para adequar ao momento. (CHACON, 2007, p. 160)

*Faveleiro: Nunca veio nada pra cá, a gente nunca recebeu nada, a gente vê outras comunidades recebendo tem até aquele chapéu de palha mas nunca veio pra cá, e a gente nem sabe onde procurar por que nunca foi dito pra gente.*

*Facheiro: Não temos nada aqui, da pra vê, so veio uma vez um técnico agrícola falar com a gente sobre o uso dos agrotóxicos, até pra pegar as embalagens de agrotóxicos que eles vem todo inicio do ano, ate hoje não vinheram.*

*Catingueira: Teve o vendaval e nunca nem que chegaram para perguntar pra gente como a gente tava, nunca ninguém da prefeitura nenhum órgão. A gente sem nada, sem roça. Individado, a gente fez o que? Correu pro banco*

*pra pegar empréstimo pra pagar as dívidas da roça, e eles nunca que vinheram pra nada.*

*Bromelia: Eu penso que, se acontece uma coisa como aquela a prefeitura ou sei lá quem deveria chegar até a gente e dar um auxílio por que a gente ficou sem nada, quem tem roça ficou endividado e quem não tem e trabalha na roça dos outros como eu fiquei sem receber nada, e a gente nem pode dizer nada né, por que como que o povo ia tirar dinheiro pra pagar a gente, não tem condição.*

Existem alguns programas governamentais que tem a função de auxiliar os agricultores e agricultoras diante do contexto do sertão, educação no campo como o PRONATEC campo, fortalecimento dos agricultores como o PRONAF, programas para créditos fundiários entre outros, que são formulados para a melhoria a qualidade de vida.

O Pronaf financia projetos, individuais ou coletivos, que gerem renda para os agricultores e as agricultoras familiares, assentados e assentadas da reforma agrária. O Programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do país. (BRASIL, 2014, p.04)

Esses programas além de auxiliar o agricultor em questão a produção amparam no quesito de dificuldades financeiras, ou percas no decorrer da plantação. Porém, como foi analisado, alguns desses serviços não chegam até a comunidade, causando uma desassistência para esses e essas.

O principal objetivo desse programa seria oferecer crédito agrícola a taxas subsidiadas para investimento e custeio para diversos tipos de agricultores enquadrados no segmento familiar. Apesar do PRONAF atender a uma demanda reprimida dos agricultores familiares por crédito, diversas outras demandas desse segmento não foram atendidas, entre elas o acesso a serviço de assistência técnica específica para esse público.(CASTRO, 2015, p.54)

Dessa forma percebeu-se que algumas questões interligadas ao espaço do rural eram de certa forma esquecidas pelas políticas de assistência social, deixando a comunidade sem uma assistência adequada ou sem cobertura, muitas vezes de uma rede, causando assim uma precarização diante o acesso às redes de cunho assistências.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou analisar as representações sócias para os trabalhadores e trabalhadoras rurais identificando

como os mesmos e mesmas percebem a seca, os impactos no âmbito do social, na subjetividade e no espaço enquanto coletivo. Ao longo dos encontros foi possível identificar os conflitos existentes com a seca e as modificações naturais que atrapalham o plantio e o ciclo de colheita, bem como foi possível identificar as articulações que esses sujeitos e sujeitas fazem diante da situação de mudanças climáticas.

O grupo focal possibilitou um espaço onde os agricultores e agricultoras puderam expor suas experiências enquanto comunidade, com o trabalho e as dificuldades em morar em uma região predominantemente marcada pela seca e pela dificuldade ao acesso a água, no decorrer do processo falas foram marcantes para a construção desse trabalho. Entendendo a seca não apenas como um fator natural, mas também político e cultural foram colocados dentro do grupo e analisados os aspectos mediante uma seca que não possui um caráter apenas negativo, mas sim uma identidade social, onde os agricultores e agricultoras conseguem se perceber diante desse contexto, se articulam e resistem como coletivo e como sujeitos individuais diante as dificuldades que se apresentam ao longo da trajetória.

Para além da seca dita como um fator climático se encontra naquela comunidade rural denominada como Caraíbas povoado de Santa Maria da Boa Vista- PE, uma população que tem como base para sustento diante dos intempéries climáticos e das adversidades uma fé, que foi colocada a todo momento como amparo, a fé deles e delas sustenta uma realidade que em muitos casos é dura e cruel. Viver dentro deste contexto requer dos sujeitos e sujeitas manobras para se sustentar, a dificuldade ao acesso da água, a poluição que se alastra e a precarização ao acesso de políticas públicas de cunho assistências dificulta gradualmente o cotidiano dos agricultores e agricultoras, aparecendo então a fé como o acolhimento seja no aspecto individual ou coletivo.

Diante disso cabe ressaltar as dificuldades ao acesso à política pública, que mesmo estando disponíveis não conseguem chegar até a comunidade como garantia de seus direitos e qualidade de vida e no espaço do trabalho, entende-se que estar neste espaço gera para eles e elas uma resistência enquanto comunidade rural e trabalhadores e trabalhadoras, gerando assim uma força que mesmo as dificuldades interligadas a seca e a precarização das assistências sócias transforma eles e elas em sujeitos que se articulam, que são ricos de um saber cultural conquistado pela experiência de vida.

A seca mesmo sendo uma condição que os coloca em uma zona de vulnerabilidade social gerou para eles e elas uma forma de sobrevivência, uma cultura, uma ligação afetiva com o espaço de moradia e com o trabalho, estar naquele espaço por muitas vezes que seja marcado por um sofrimento também é gratificante, pois dentro destes contextos os mesmos são identificados, se percebem enquanto pessoas ativas e se conhecem para além de seus nomes, mas como agricultores e agricultoras rurais, a identidade presente deste contexto gera uma transformação e uma percepção ampla sobre aquilo que gera prazer e ao mesmo tempo gera desconforto, estar inserido deste contexto como foi percebido dentro das falas deles e delas gera sofrimento, porém nenhum deles e delas conseguem se perceber fora, a representação da seca sai do aspecto que envolve o cunho climático e atravessa a subjetividade e a identidade.

Sendo assim possível considerar os aspectos ligados as representações sócias desses agricultores como identidade social, mesmo estando inseridos deste contexto a seca dita como única não e o fator negativo, a poluição vinculada ao assoreamento do rio, as queimas, os fatores climáticos como vendavais e a falta de acesso as políticas publicas foram os aspectos que mais se apresentaram ao decorrer da pesquisa.

Foi possível observar as representações sociais dos agricultores e agricultoras rurais diante da seca, destacando para os impactos ambientes provocados pela degradação do ecossistema e a precarização ao acesso a política publica.

## REFERÊNCIAS

- AURELIO, **O Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª Impressão- Rio De Janeiro, 2002.
- BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre. Artmed, 2009
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lisboa, 2009
- BERTOINE, L.M., and. GALINK, A.L. **Teorias e métodos em representações sociais**. Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122. ISBN: 978-85-455-493-8
- BRASIL. Cartilha de Políticas Públicas para as populações rurais. Políticas Públicas para as populações rurais, Araripe, p. 1 – 16, 2015.
- BRITO, L. T. de L.; ANJOS, J. B. dos; SILVA, M. S. L. da; MOURA, M. S. B. de. **Formas de garantir água na seca**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 48 p. (ABC da Agricultura Familiar, 13). Projeto Minibibliotecas.
- CAMPOS H.F. **Psicologia Social Comunitaria da Solidariedade á Autonomia**. Ed.08. Petropolis. RJ. Ed.Vozes. 1996
- CARTILHA DO CREPOP. **Referencias técnicas para a atuação do/a psicólogo /a no CRAS/SUAS**.12.p.2007.
- CASTRO, C. N. de. Desafios da agricultura familiar : o caso da assistência técnica e extensão rural. Boletim Regional, Urbano e Ambiental (BRU), n. 12, p. 49 – 59, jul//dez 2015.
- CHACON S,S. Banco do Nordeste do Brasil. **O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido**. 354p, volume 08, Desenvolvimento sustentável, Fortaleza, 2004.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS - CNM. Municípios e o convívio com a seca. **Municípios e o convívio com a seca**, Brasília, p. 1 – 88, 2017.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação das(os) Psicólogas(os) em Questões Relativas a Terra**. [S.l.]: Camiños, 2013.
- DANTAS, Candida Maria Bezerra et al . **A PESQUISA EM CONTEXTOS RURAIS: DESAFIOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS PARA A PSICOLOGIA**. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 30, e165477, 2018 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822018000100205&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100205&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 Nov. 2019. Epub June 07, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165477>.
- FERREIRA, J. G.; FIGUEIREDO, F. F. SECA, MEMÓRIA E POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL. In: ANAIS ELETRÔNICOS, 2017, Montevideo. **XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY**. Montevideo, 2017. p. 1 – 24.

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**.4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

Lei. nº 8742. **Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS)**. Brasília,DF, 7 de dezembro de 1993

LEITE, J.F.; DIMENSTEIN, M. **Psicologia e Contextos Rurais**. Natal-RN: Editora EDUFRN, 2013.

MARTINS, A.B. **A formação em psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário**. Psicologia: Ensino e Profissão. Brasília. vol.1. no.1.abril.2010. MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais da Seca**. ed.08. Petropolis: Edi. Vozes, 2015, traduzido do inglês para o português por Pedrinho A. Guareschi.

MOURA Jr, James & Barbosa, Vilkiane & Bomfim, Zulmira & Silva, Cicera. (2019). MOURA Jr., J. F., BARBOSA, V. N. M., BOMFIM, Z., & MARTINS, C. M. S. S. (In press). **Psicologia e Contextos rurais no Brasil: interlocuções com a Psicologia Comunitária**. Interamerican Journal of Psychology.. Revista Interamericana de psicologia/Interamerican Journal of Psychology.

MOURA JR, James Ferreira; XIMENES, Verônica Moraes. A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 28, n. 1, p. 76-83, Apr. 2016 . Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922016000100076&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000100076&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1051>. RAMOS, G. **Vidas Secas**. 45. ed. [S.l.]: Record, 1938.

Região Nordeste do Brasil em Só Geografia. Virtuuous Tecnologia da Informação, 2007-2019. Consultado em 18/11/2019 às 11:17. Disponível na Internet em: <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaFisica/Brasil/regiaonordeste.php>

SILVA, K. DE B. E; MACEDO, J. P. Inserção e trabalho de psicólogas/os em contextos rurais: interpelações à psicologia. **Revista de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 146-154, 24 out. 2019.

TURRI, S.S.G; FARO,André; Araujo,M.R.M. **Adaptação e adversidade no cotidiano de trabalhadores sertanejos em canções de Luiz Gonzaga**. Revista. Estudos de Psicologia.In. Campina Grande, Natal. Jane/Março. Ano, 2018.

ZELLHUBER, Andrea; SIQUEIRA, Ruben. RIO SÃO FRANCISCO EM DESCAMINHO: DEGRADAÇÃO E REVITALIZAÇÃO. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, [S.l.], n. 227, p. 3 - 24, jun. 2016. ISSN 2447-861X. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/124/104>>. Acesso em: 22 nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.25247/2447-861X.2007.n227.p3-24>.